

O Memorial acadêmico em formação continuada¹

Vera M. A. Tordino Brandão

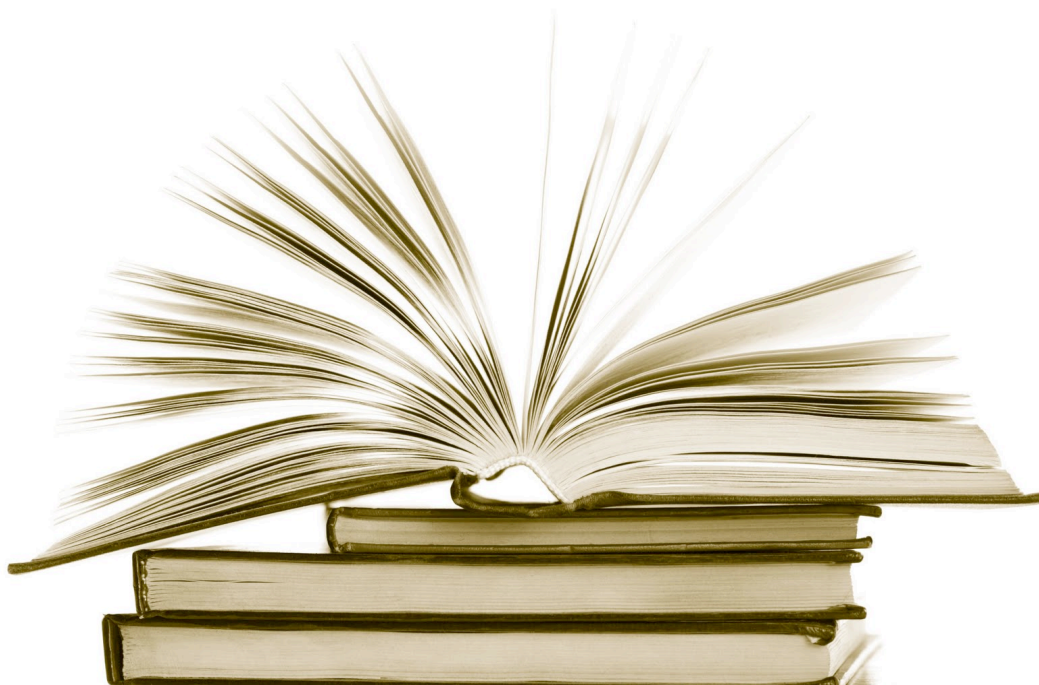
Resumo: A escrita do memorial de formação, gênero acadêmico autobiográfico, é o desafiador e laborioso processo de revisão e “escrita de si”, tarefa proposta no estágio pós-doutoral em Gerontologia Social, realizado no Programa de Estudos Pós Graduated em Gerontologia da PUCSP (2014-2015). Nesta comunicação desvelaremos os desafios e os profundos sentimentos despertados, decorrentes do movimento de “perder-se para reencontrar-se” (1992-2014) com objetivo de responder: Qual o impacto da realização do memorial acadêmico para o pesquisador? Que contribuição pode trazer para a construção de saberes e a educação continuada? Metodologicamente utilizamos a pesquisa e análise documental sistemática do acervo produzido pelo pesquisador - livros; capítulos de livros; artigos publicados em periódicos e anais de eventos; dois diários de campo, nos quais se cruzavam livremente caminhos pessoais e profissionais. Por meio da escrita autobiográfica buscamos desvelar a trajetória de vida-trabalho na perspectiva antropológica, filosófica e existencial e pesquisar sobre seu impacto na área de estudo. O exercício de construção memorialística é impactante e (re)formador, apontando caminhos que ultrapassam o horizonte do prazo estipulado academicamente, e relevante ao entrelaçar conhecimentos, experiências e sentidos da trajetória pessoal, pois “dizer de si” é reconhecer potências e limites. Ouvir a voz interna, que questiona sobre os sentidos da trajetória, fala de si e do grupo social no qual é sujeito. O memorial, construído como narrativa autobiográfica, mostrou-se importante também para a Instituição, pois abarcou o período histórico de gestação e implantação desse programa de pós-graduação, e na sensibilização dos discentes que iniciam trajetória na área. O percurso de reconhecimento na escrita do memorial confronta a força e fragilidade que nos habita, encoraja, indica limites, e impulsiona a multiplicação dessa prática, por meio da construção, ampliação e partilha dos saberes.

Palavras-chave: memorial acadêmico; gerontologia social; espaços de formação; educação continuada; construção de saberes.

¹Trabalho apresentado no VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica - Narrativas (Auto)biográfica: conhecimentos, experiências e sentidos. Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica / Universidade Federal do Mato Grosso / UFMT – Cuiabá 17 a 20 de julho de 2016. Publicado em Anais CD-ROM - Cuiabá. BIOgraph, 2016. ISSN 2178-0676

O Memorial acadêmico - desafios e perspectivas

No período 2014-2015 realizamos o estágio pós-doutoral em Gerontologia Social² com projeto denominado *Longevidade, Educação Continuada e Mídias*, com objetivo de sistematizar 20 anos de trabalho (1994-2014) em pesquisas, atuação docente e editoria do *Portal do Envelhecimento* e da *Revista Portal de Divulgação* de acesso livre, tendo como assunto as interfaces entre os saberes nos temas envelhecimento e longevidade e as inter-relações entre diferentes disciplinas que se articulam, construindo um saber interdisciplinar, em processo constante, resultado do progresso científico e social.



A articulação que objetivamos envolveu os temas: *longevidade* – aqui considerada como os muitos anos que se vive após o marco legal dos 60 anos – e seus muitos desafios; *educação continuada interdisciplinar* na área gerontológica, a partir da prática docente, na perspectiva da formação do profissional reflexivo, gerador de ações consistentes e humanizadas; e a divulgação e construção de saberes renovados por meio das *mídias* considerando-as como aberturas ao conhecimento ampliado e despreconceituado, base de novos compromissos sociais na área do envelhecimento e longevidade humanos.

Acreditamos que a comunicação em mídia, democrática e de livre acesso, divulga e promove o conhecimento de múltiplos saberes-fazeres, referendando

² Trabalho realizado com a orientação da Prof.^a Dra. Beltrina Côrte. PUCSP

a construção do que denominamos “cultura da longevidade” – uma vida plena, digna e cidadã para todos.

Nesse contexto surgiu o desejo-desafio de documentar esse processo por meio de um memorial acadêmico sobre a trajetória profissional, como eixo principal do trabalho, uma revisita a trajetória vivida com seus pontos de inflexão ou *charneira*, nos quais, se desvelam as tensões psicossociais latentes nas narrativas de si.

Como afirma Halbwachs (2004) “nunca estamos sós”, pois se a lembrança é única, experiência solitária da qual o indivíduo é testemunha, esse “eu” – testemunha ocular – faz parte de uma “comunidade afetiva” que contém, e traz à luz, todo o contexto das situações sociofamiliares e históricas, partilhadas e elaboradas por e com outros membros do grupo (BRANDÃO, 2008).

A escrita autobiográfica se apresentou, assim, como caminho natural na senda aberta desde nosso primeiro projeto *Memória e Cultura*, realizado junto à população idosa, e um dos pontos de inflexão profissional, como explicitado adiante.

Ressaltamos que o aprofundamento das reflexões a respeito da formação e pesquisa (auto) biográfica deu-se a partir das leituras iniciais de Josso (1999; 2006) e Momberger-Delory (2006; 2008; 2012), que forneceram novas bases teóricas ao trabalho com memória social que realizávamos na perspectiva antropológica - que busca ouvir os “narradores de primeira mão” (GEERTZ, 1989) – a respeito das construções sociais, bases de suas identificações como sujeitos da cultura – realizado com grupos de idosos, desde o ano 1992, e na formação profissional continuada com profissionais, desde o ano 2000.

Segundo Josso (1999, p. 14), suas reflexões sobre “história de vida em formação” indicam que essa abordagem abre “novo horizonte teórico no campo da educação de adultos para uma abordagem da formação centrada sobre o sujeito aprendiz, utilizando a mediação de uma metodologia de pesquisa-formação articuladas às histórias de vida”.

As participações nos Congressos Internacionais de Pesquisa (Auto) Biográfica, a partir de 2006, o contato com os pesquisadores e autores da área e a vasta bibliografia que se materializava a cada encontro, ampliaram e despertaram crescente interesse nos estudos sobre o tema do Memorial como gênero acadêmico autobiográfico, apoiado especialmente em Passeggi (2000, 2006 a/b; 2008; 2013), autora guia do trabalho aqui apresentado.

Passeggi (2013) em seus estudos traça panorama histórico das transformações no memorial como gênero acadêmico, no período 1930-2000, considerando que ele articula as histórias individuais e coletivas, desvelando as representações sociais a elas associadas. Esclarece ainda que podem ser encontradas múltiplas denominações – *memorial*, *memorial descritivo*, *reflexivo*, *acadêmico*, *de formação escolar*, entre outros, mas escolhe

desenvolver duas perspectivas, que também nos interessam neste trabalho: o *memorial acadêmico* e o *memorial de formação*.

O acadêmico, de caráter avaliativo para fins de promoção na carreira, obedece a demandas institucionais, com regras bem estabelecidas, como descritivo que “caracteriza-se pela reflexão individual, balizada por parâmetros publicados em editais”; o memorial de formação, também critério de avaliação, pode ser encarado como dispositivo pedagógico nos cursos de formação docente. Afirma Passeggi (2013, p. 31) que “passamos a denominar *memorial autobiográfico* os dois tipos de memoriais, para demarcar essas escritas dos demais usos do termo memorial em outras áreas de conhecimento”, termo que adotaremos neste trabalho.

O memorial autobiográfico que apresentamos não era exigência institucional formal, mas foi uma escolha pessoal, liberdade possível no contexto do pós-doutorado em gerontologia social, e aceito quando da submissão do projeto e na aprovação do relatório e avaliação final.

Esse memorial mantém sua característica de gênero acadêmico autobiográfico, como uma “escrita de si”, na qual o autor “narra sua história de vida intelectual e profissional, analisando o que foi significativo na sua formação [...] uma forma de dizer o mundo acadêmico [e] por exigir novo pronunciar, o memorial é também um modo de cada autor modificar-se” (PASSEGGI, 2008, p. 15).

Ao revisitar a trajetória, e elaborar as narrativas de si, vemos a trama tecida de muitos fios, com muitas cores, que guarda marcas de sua tessitura, o avesso e o direito, e apresenta muitos fios soltos que podem ser (re) tecidos, deixando visíveis as marcas do trabalho no tempo. Nesse contexto, o memorial se apresenta “como espaço subjetivo de reflexão, aberto à autoformação, à socialização de saberes experienciais, à problematização das representações de si mesmo, do outro e do mundo acadêmico e profissional” (PASSEGGI, 2006 a, p. 66).

Escrever sobre o processo de formação parece, aos olhos de quem jamais o fez, uma tarefa fácil. Mas fixar na escrita o que se tenta pegar no ar, o que foge e escapa a cada tentativa é um trabalho ao mesmo tempo laborioso, sedutor e consideravelmente formador. (PASSEGGI, 2008, p. 36)

Revisitar a trajetória e elaborar o memorial não é simplesmente narrar fatos acontecidos, mas perder-se em meio a tantas memórias para nelas reencontrar-se e, neste caso, também inter-relacionar e apresentar os saberes e práticas que emergem do processo de construção do conhecimento em *Gerontologia Social e Educação Continuada* de modo renovado, pois apresentado à luz do presente.

O memorial autobiográfico fala do narrador – um sujeito-aprendiz – imerso em universo social amplo do qual a universidade é chão de descobertas e práticas, com suas dúvidas, desejos de descoberta, desafios, conquistas e ainda

dúvidas. Um sujeito que trazia em si as marcas das trajetórias profissional e pessoal, e que se aventurava em universo duplamente desconhecido: o tema do envelhecimento no Brasil e a novidade dele para o aprendiz.

A revisita proporcionada pela escrita do memorial atualizou o sentimento de surpresa vivido ao longo do percurso e no momento de “mergulho”, pois, ao submergir não sabíamos ao certo o que iríamos encontrar. Ao emergir trazíamos, sobretudo, uma rede de sentimentos profundos, sobre os quais ao longo desse processo nos reerguemos. O “perder-se para reencontrar-se” deixou de ser uma expressão para tornar-se realidade.

Esse desenvolvimento do projeto de pós-doutorado teve como eixo o Memorial descritivo das atividades mencionadas nos objetivos, cujas bases metodológicas apresentamos a seguir.

Percurso metodológico

Como passo inicial foi realizado o levantamento do acervo, produzido pela autora no período 1994-2014, com objetivos de: levantar, organizar cronologicamente, refletir e sistematizar a construção de conhecimento por meio de artigos publicados em livros, anais, revistas científicas e de divulgação científica, com cerca de 125 documentos, além dos três livros publicados (um em coautoria), dissertação de mestrado (1999), tese de doutorado (2004) em Ciências Sociais – Antropologia, ainda inéditos, e os registros de dois diários de campo, nos quais se cruzavam livremente caminhos pessoais e profissionais.

O método proposto foi de pesquisa e análise documental que tem despertado crescente interesse entre pesquisadores, mas que apresenta ainda muitas dificuldades devido à diversidade de documentos passíveis de serem recolhidos, com objetivo de mapear áreas de conhecimento específico, períodos históricos, ou de acervo sobre temas e personagens de diferentes áreas.

Destaca-se também a imprecisão quanto à utilização das diferentes denominações – *pesquisa documental, método documental, técnica documental e análise documental* – não ficando clara essa diferença e a precisão na sua utilização. Neste trabalho utilizamos, como duas etapas consequentes: a pesquisa e a análise documental sobre o acervo.

May (2004) destaca que dos documentos podem emergir “as sedimentações das práticas sociais” ampliando o conhecimento que se tem não só de determinada área, personagem ou período, mas, no escopo da pesquisa social, trazer “a possibilidade concreta de tratarmos de uma realidade da qual nós próprios, enquanto seres humanos, somos agentes” (MINAYO, 1994, p. 10).

Observa-se aqui a subjetividade latente nesses procedimentos, pois o pesquisador vai debruçar-se sobre acervo colhido de maneira única e complexa – com objetivos estabelecidos e, simultaneamente, deixando-se

impregnar pelos “movimentos e respirações” dos conteúdos do mesmo (BARDIN, 2002; LUDKE; ANDRÉ, 1986).

A subjetividade que permeia a pesquisa e posterior análise é o grande desafio dessa metodologia e também seu fascínio. Pode-se indagar: Até que ponto é possível manter a neutralidade e objetividade na busca e análise? Quanto um “certo” envolvimento que arrasta o pesquisador no “mergulho e desvendamento” dos documentos pode ser avaliado e considerado prejudicial no resultado final? Como manter distanciamento e neutralidade nesse processo laborioso, profundo e exclusivamente pessoal na análise do próprio percurso? Questões as quais se aliam os desafios e as possibilidades do método, indicando a necessidade e interesse de estudos futuros para sua melhor compreensão, ante os caminhos de conhecimentos que aponta, e considerando essa produção como uma construção social a ser constantemente reformulada.

A análise documental sobre o acervo buscou mapear o campo da gerontologia social e sua articulação com antropologia urbana, área de concentração da autora, e as tendências que apontam, lembrando que a comunicação dos resultados dos trabalhos de pesquisas, tanto à comunidade científica quanto à sociedade, seguindo a normatização proposta e com a qualidade esperada, estabelece “critérios de avaliação e produtividade dos indivíduos e instituições, e de áreas e subáreas de conhecimento, meio fundamental no aprimoramento e disseminação de saberes constituídos abrindo, assim, caminhos para novas reflexões e garantido também a memória da ciência” (SEVERINO, 1996, p. 165).

Nessa análise foi seguido o objetivo proposto por Bardin (2002) de apresentar a condensação de informações para armazenagem e consulta, procedimento no qual se buscou a pertinência dos resultados alcançados, suas eventuais fragilidades e, especialmente, as tendências que apontavam na abertura de novos campos de estudo e formas de compreender as realidades, a partir de pesquisas já desenvolvidas e publicadas (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

A busca realizada revelou os temas prevalentes nas produções, nas quais se destacam os temas interligados: memória; memória social; memória, identidade e cultura; tempo; e seus correlatos: história oral; narrativa autobiográfica; oficinas narrativas; ateliês autobiográficos; escritas de si; silêncios, não ditos e segredos – que se entrelaçam com envelhecimento; memória e cidadania; projetos; aprendizagem ao longo da vida; educação continuada; interdisciplinaridade; práticas de formação; construção de saberes, e problemas existências inerentes à saúde, espiritualidade e finitude.

Nessa revisita ao acervo salientamos que alguns dos temas correlatos são naturalmente decorrentes dos prevalentes, e outros surgiram com a ampliação e aprofundamento dos estudos, pesquisas e da práxis docente, pois da convivência cotidiana com idosos e profissionais em formação a dinâmica

estabelecida foi geradora de questionamentos que nos levaram a esses avanços.

Fica evidente também que os temas correlatos na área de formação se destacam evidenciando que a busca das raízes culturais identitárias, baseada na vida vivida, nas histórias das comunidades e em seus saberes-fazeres, trazida pela memória nas práticas narrativas autobiográficas, mostram-se como possibilidades de um conhecimento de si, do grupo de pertencimento e de sua cultura.

Eles propiciam a reflexão, o encontro, e nele pela palavra, um espaço de diálogo que instrumentaliza os participantes na busca de sentidos e significados, ações integrativas para si e o grupo fortalecendo o protagonismo dos envolvidos, valorizando-os como construtores de suas vidas e histórias. No contexto desses outros modos de “conhecimento de si” a escrita autobiográfica surge também como possibilidade de (auto)formação e educação continuada (BRANDÃO, 2008, p. 77).

O Memorial – caminhos do saber

A elaboração de um memorial-guia, metodologia escolhida livremente para expressar o processo de construção de um saber na área gerontológica, com recorte na memória social autobiográfica, caminhou naturalmente para a explicitação da praxis docente da autora.

Os caminhos da educação foram traçados na formação acadêmica que se iniciou na graduação em Ciências Sociais, cursada até o final do 3º ano, período no qual por questões políticas, que também envolviam a subsistência econômica, nos levaram para a graduação em Pedagogia, sendo os dois cursos realizados na USP.

Essa pode ser considerada a primeira inflexão da trajetória, que teve como pano de fundo o panorama político (1969-1975) e questões familiares. A mudança foi facilitada por já ser professora de curso pré-escolar, possível à época graças a Escola Normal que habilitava para essa função. Não foi fácil, mas necessário.

Com o final da graduação em pedagogia segui um caminho convencional na área: de professora para coordenadora pedagógica e administrativa, mantendo o interesse na faixa etária de crianças de até 5 anos. Foi um período de crescimento constante marcado pelo entusiasmo e alegria, decorrentes de um trabalho exitoso, no qual coloquei toda a energia de jovem profissional que acreditava que a educação – das crianças, dos professores e da família – poderia ser transformadora. Muitas coisas aconteceram nesse percurso, mas minha firme crença de que a educação pode mudar o mundo é a mesma, o que me mantém com o mesmo entusiasmo, na pesquisa e docência até hoje. Uma utopia, como já ouvido inúmeras vezes.

Buscamos, assim, na construção deste memorial responder as questões indicadas por Passeggi (2006 a) a partir de três dimensões propostas no

trabalho de mediação, que aqui não teve acompanhamento de um docente presencial, mas autoral, que pela identificação nos levaram, assim sentimos, a bons resultados. São elas: a *mediação iniciática*; a *mediação maiêutica*; a *mediação hermenêutica*, sintetizadas nas três perguntas que buscamos responder: Que fatos marcaram minha vida intelectual e profissional? O que esses fatos fizeram comigo? O que faço agora com o que isso me fez?

A primeira questão preside o movimento de abertura do processo de escrita. Ela é característica da *instância de evocação*, momento em que as lembranças emergem de forma ainda desordenadas e coloridas pela emoção do encontro consigo mesmo. A segunda questão preside o movimento intermediário e caracteriza a *instância de reflexão*, momento em que o narrador interroga os fatos charneiras de sua formação e toma consciência de experiências formadoras. A terceira questão preside o encerramento da escrita do memorial e caracteriza a *instância de ressignificação* da experiência, momento crucial de conscientização e de (re)conhecimento de si mesmo, como um outro, e pelo outro. Porto de chegada e de uma nova partida. (PASSEGGI, 2006 a, p. 215)

Seguindo essas orientações elaboramos após a *instância de evocação*, que mesclou com seu brilho e cores o trabalho-vida que, a nosso ver, não se separam, a *instância de reflexão* um guia de percurso, marcando os momentos de *charneiras* ou reflexão, até a *instância da ressignificação*, que finaliza esse caminhar.

Período sabático (1982 - 1992) - segundo ponto de inflexão quando, em momento de alta performance profissional, diferentes motivos me levaram, em decisão refletida e consciente, a deixar o mercado de trabalho para me dedicar aos meus dois filhos, à época com 9 e 6 anos. Imaginei que seria um período de 2 a 3 anos, mas não. Entre idas e vindas à escola, dentista, aulas de piano, ballet e tênis, tarefas que considerava prazerosas e parte da importante “missão” de estar e formar meus filhos, consegui realizar um almejado curso na Aliança Francesa que, após o período de formação na língua e cultura do país, se abriu para cursos de literatura, arte e cinema. Foram anos de puro prazer e muita aprendizagem. E deixo aqui o testemunho de que nunca me arrependi dessa decisão, ao contrário, acredito ter sido uma das mais importantes que tomei na vida. Outras surpresas me aguardavam!

A profissional-educadora estava adormecida e acordou com um convite inusitado que marca um momento de virada definitivo, consciência que tenho hoje nos muitos anos vividos, rumo à trajetória atual.

Primeiros Passos – da prática à teoria (1992 -1999) – no ano de 1992 fui convidada para dar algumas aulas em Universidade Aberta à Terceira Idade, mas, apesar de não ter conhecimento na área de envelhecimento, gostava de dar aulas e queria trabalhar. Esse foi outro momento *charneira* – o terceiro

ponto de inflexão – e início do trabalho que realizo até hoje. No período indicado fui articulando a construção de conhecimentos na área gerontológica, aliando a prática docente na Universidade Aberta à busca de bases teóricas que culmina com a realização de Mestrado em Ciências Sociais – Antropologia PUCSP, com tema *Memória, Cultura e Projeto de Vida*.

Caminhando... O Doutorado e as Oficinas de Formação Continuada - (2000-2004) – esse período compreende quatro momentos simultâneos de grande relevância na articulação teórico-prática: o Doutorado em Ciências Sociais/Antropologia PUCSP, no tema *A Construção de Saber: desafios do tempo* (2000-2004); a implantação no Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento – NEPE – da *Oficina de Formação Continuada Memória Autobiográfica – Teoria e Prática*, aberta aos profissionais de disciplinas diversas com práticas estabelecidas ou pretendidas na área gerontológica, com foco na revisita as trajetórias de vida-trabalho, e o desenvolvimento de escuta sensível de si e dos que envelhecem (2000-2010); a participação no Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares (GEPI) do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação - Currículo, coordenado pela Professora Dra. Ivani Fazenda, que consolida as bases teóricas para discussões interdisciplinares fundamentais na educação continuada em gerontologia social; a constituição no NEPE de *Grupo de Estudos da Memória – GEM* (2001- atual), objetivando formação continuada em pesquisa, base de produção acadêmica relevante, apresentada em Congressos e artigos publicados.

Desafios e Descobertas (2004 – 2010): nesses anos abriram-se novos caminhos nas pesquisas; outros desafios oferecidos na mediação dos diferentes grupos de formação nas Oficinas Autobiográficas em São Paulo e em outros Estados; a escrita e publicação de três livros; a participação em congressos e outros eventos com produção de artigos científicos; e produção de material de divulgação científica em *Mídia* aberta – o *Portal do Envelhecimento*.

Novas aprendizagens e conquistas (2011- 2014): período no qual continuo com projetos de estudos, pesquisa e docência, e quarto momento de inflexão, quando inicio a parceria com a Prof.^a Dra. Beltrina Côrte, na editoria da *Revista Portal de Divulgação*, trabalho que tem como proposta tornar as mídias abertas canais de educação continuada para o público em geral, com linguagem acessível, visando à informação consistente nos temas que envolvem o envelhecimento no desenvolvimento da Cultura da Longevidade, uma sociedade para todas as idades.

Destacamos que fundamental para nosso desenvolvimento foi a participação no Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento NEPE (1992- atual) que gestou o Programa de Estudos Pós Graduados em Gerontologia da PUCSP, implantado em 1997, que é parte continua de aprendizagem e *locus* de práticas como docente convidada.

O desafio lançado em 2014 do estágio pós-doutoral em Gerontologia Social encerra este último momento de charneira, no qual revisitamos e resgatamos

também as origens desse Programa de Estudos Pós Graduated, reflexões que enfatizaram a construção do memorial e suas bases teóricas partilhadas com os discentes atuais.

Nesse processo acreditamos ter respondido a duas das perguntas formuladas por Passeggi (2006 a): “Que fatos marcaram minha vida intelectual e profissional? O que esses fatos fizeram comigo?” Nas reflexões finais busco responder a questão: “O que faço agora com o que isso me fez?” Acrescidas das perguntas que guiaram o balanço que fazemos dos resultados do estágio pós-doutoral em gerontologia social: “Qual o impacto da realização do memorial acadêmico para o pesquisador? Que contribuição pode trazer para a construção de saberes e a educação continuada?”

Reflexões

O interesse pelos memoriais deve-se, portanto, ao fato de que nesse gênero textual entrelaçam-se, num único movimento, os processos de autoria e de construção identitária. Tratando-se de um gênero autobiográfico, o narrador coincide, enquanto escreve, com o autor empírico do texto. Sendo um texto acadêmico o autor deve, no ritual de defesa, assumir a autoria do texto por ele produzido. (PASSEGGI, 2000, s/p)

Autora e leitora de mim, um universo inapreensível quando pensando e não refletido. Ao iniciar o processo não se tem sua real dimensão, cada fato lembrado se desdobra e desdobra, mostra faces esquecidas - desconhecidas de mim. E pensar que podemos conhecer o outro! Quem somos nós? Olhando no espelho que a escrita do memorial nos mostra o que vemos? Uma pálida imagem de quem somos e muitas imagens de outros, alguns mais nítidos, outros adivinhados em sombras, confirmando a afirmação de Halbwachs (2004): “nunca estamos sós”.

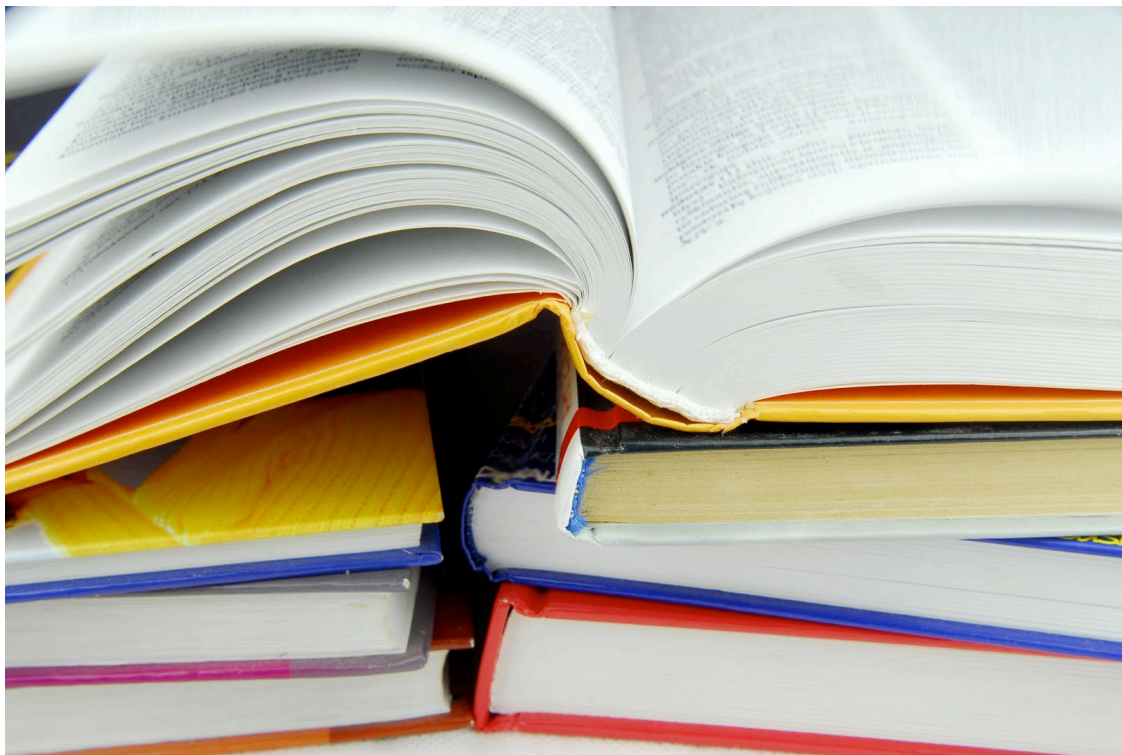
Nesse processo cada lembrança trouxe o fato vivido, mas sempre contextualizado: sociedade, família e grupos diversos – a memória que se faz coletiva – em momentos históricos específicos que impactaram nossas vidas, dos grupos, do país.

Nesse processo de revisão da trajetória de vida-trabalho e formação focamos os pontos de mudanças – os incidentes críticos, pontos de inflexão ou *charneiras* – que os motivaram, nos personagens e contextos sócio-históricos envolvidos, que os influenciaram. A prática evidencia que o reconhecimento da trajetória destaca, valoriza e possibilita a integração das experiências no processo de conhecimento e aprendizagem de si, na reapropriação da história pessoal que se materializa na narrativa e escrita autobiográfica.

Na realização do memorial constatamos a vivência do processo sugerido por Passeggi (2006) de reinvenção que se constituiu do “projeto-busca”, um

movimento de reflexão e análise interior – *instância da evocação* – com perguntas que levam ao “perder-se para reencontrar-se”, e do “projeto-obra” que articulou o movimento interior de busca, para o exterior – *instância da interpretação* – que leva à ressignificação do sentido da vida e da reinvenção de si, processo com forte sentido subjetivo e existencial, no qual vislumbramos, além de fatos concretos vividos, as latências e desejos, não expressos que nos habitam e constituem.

O impacto desse trabalho de “mergulho”, necessário à realização do memorial, trouxe um sentimento misto e ambíguo de potência e humildade. Muitos desafios foram ultrapassados, outros contornados ou não vencidos; momentos de grandes alegrias e outros de decepção e tristezas; a lembrança dos sentimentos de pertença e exclusão; das dificuldades em ser compreendida no meu modo de ser, no qual convivem minhas ambiguidades: certa ingenuidade (ainda), esperança e solidariedade – que me constituem e não quero perder – aliado ao “desejo de saber” que continua muito vivo dentro de mim.



Essas reflexões mais subjetivas afloraram e se articularam com outras, especialmente pela leitura de dois “diários de campo” que mantive durante muitos anos e nos quais anotava momentos vividos profissional e pessoalmente. Sua leitura trouxe profunda emoção e reflexão, e a constatação das tantas perguntas que ainda me faço, e não encontro respostas.

Acredito que essa revisão de vida, proposta no memorial, guardadas as circunstâncias da vida, consolida em mim a crença no poder da construção de si e de saberes múltiplos, formais e informais, base do processo de educação continuada como constitutiva dos seres em diferentes contextos.

Muito falamos do “narrar-se”, seja nas práticas, como nas escritas dos memoriais autobiográficos, desvelando memórias que se formam por meio das experiências, expressas por palavras faladas e escritas.

A experiência é, segundo Larrosa (2015, p. 18) “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, e deve ser separada do que entendemos como informação. O autor afirma que o momento atual é marcado pelos excessos: de informação, sobre a qual se deve sempre ter uma opinião, de trabalho e aceleração do tempo, o que torna a experiência cada vez mais rara – não o *que se passa*, mas o *que nos passa*. O *que se passa* marca tão fortemente o cotidiano que, muitas vezes, não nos atentamos com o *que nos passa*, como se o mundo externo e suas demandas nos anestesiasse e privasse dos sentidos e, assim, da reflexão crítica, intimamente pessoal (BRANDÃO; CÔRTE, 2015).

Foi o *que nos passou com o que se passou* o mote dessa profunda reflexão, que pode contribuir na construção de saberes e a educação continuada mais centrada nos sujeitos, solidária e responsável, em meio a tanta desesperança. O *que nos passou* foi a vida, que continua a passar, e o *que nos passa hoje*, nesse momento de *interpretação* é a alegria de não saber, pois a vida é mais do *que se passa com o que nos passa*. Um ponto no infinito.

Larrosa (2015, p. 24) afirma que a aceleração fecha a possibilidade de um tempo de parar, pensar, olhar, escutar mais devagar, observando detalhes, suspendendo a tensão e a pressa e “cultivar a atenção e a delicadeza, abrir olhos e os ouvidos [...] falar sobre o que nos acontece [...] escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço”. Nestas palavras encontramos a síntese do vivido na construção do memorial acadêmico, laborioso processo de redescoberta e reafirmação identitária, no percurso de reconhecimento de mim e de outros, legado que hoje vejo claramente e aqui apresento.

O homem é palavra [...] se dá em palavra, está tecido de palavra e como palavra [...] Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos ou nomeamos. (LARROSA, 2015, p. 15-17)

Referências

BARDIN, L. *Análise do Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2002.

BRANDÃO, V. M. A. T. *Labirintos da Memória. Quem sou?* São Paulo, Paulus, 2008.

BRANDÃO, V.; CÔRTE, B. Revista Kairós – Gerontologia. Narrativas do Envelhecimento. Publicado em *Revista Kairós – Gerontologia*, vol19, nº 1 (2016) pp. 121-143. ISSN 2176-901X.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/issue/view/1538/showToc>

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

JOSSO, M. C. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. *Revista da Faculdade de Educação – USP*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul/dez.1999.

_____. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. *Revista da Faculdade de Educação – USP*, São Paulo, v. 32/02, p. 373-383, 2006.

_____. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos socioculturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: Souza, Eliseu C; Abrahão, Maria Helena. (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006, p. 7-13.

LARROSA, J. *Tremores. Escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MAY, T. *Pesquisa Social. Questões, métodos e processos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MINAYO, M. C. et al. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOMBERGER-DELORY, C. Formação e Socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Revista da Faculdade de Educação – USP*. São Paulo, v. 32/02, p. 359-371, 2006.

_____. *Biografia e Educação. Figuras do indivíduo-projeto*. Natal, RN: EDUFRN: São Paulo: Paulus, 2008.

_____. *A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada*. Natal, RN: EDUFRN: São Paulo: Paulus, 2012.

PASSEGGI, M. C. Memoriais de formação: processos de autoria e de (re) construção identitária. In: *Anais III Conferência de Pesquisa Sócio Cultural*. Campinas, jul. 2000. Disponível em:

[HTTPS://WWW.FE.UNICAMP.BR/BR2000/TRABS/1970.DOC](https://www.fe.unicamp.br/BR2000/TRABS/1970.DOC). Acesso em 15 outubro 2015.

_____. As duas faces do memorial acadêmico. In: *Odisséia*, v. 9, n. 13-14. Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem. Natal, RN: EDUFRN, 2006 a.

_____. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A Experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006 b, p. 203-218.

_____ et al. *Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente*. Natal, RN: EDUFRN: São Paulo: Paulus, 2008.

_____ et al. Memorial autobiográfico: uma tradição acadêmica no Brasil. In: PASSEGGI, M. C.; VICENTINI, P.; SOUZA, E. C. (orgs). *Pesquisa (Auto)Biográfica: narrativas de si e formação*. Curitiba: CRV, 2013.

SÁ-SILVA, J; ALMEIDA, C. D. GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, ano 1, n. 1, p. 1-15, jul. 2009. Disponível em: <http://www.rbhcs.com/rbhcs/article/download/6/pdf>. Acesso em: 30 maio 2015. ISSN: 2175-3423

SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 1996.

Data de recebimento: 02/07/2016; Data de aceite: 28/07/2016.

Vera Maria Antonieta Tordinio Brandão - Pedagoga (USP). Mestre e Doutora em Ciências Sociais – Antropologia/ PUCSP. Pós-doutorado em Gerontologia Social/ PUCSP. Pesquisadora CNPq/ PUCSP/ CAPES. Editora da Revista Portal de Divulgação. E-mail: veratordinobrandao@hotmail.com. Site: www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/